

Tiros-de-Guerra: líderes militares e atualidade

Paulo César de Castro^a

Resumo: Os Tiros-de-Guerra são uma experiência bem sucedida entre o Exército Brasileiro e a Sociedade Brasileira, representados pelo poder público municipal e os milhares de cidadãos brasileiros que ingressam nas fileiras do Exército anualmente. Essa parceria perene e edificante, juridicamente celebrada por intermédio de convênios, está enraizada na história e formação do povo brasileiro por mais de 110 anos e tem profundas ramificações na sociedade em que é inserida. O autor analisa, no presente artigo, a situação dos Tiros de Guerra no Brasil, destacando os benefícios que proporciona para a defesa territorial e para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Tiro-de-Guerra, defesa territorial, sociedade

APOIO DA POPULAÇÃO: VITAL PARA A VITÓRIA MILITAR

O Exército Brasileiro tem por missão: defender a Pátria; garantir os poderes constitucionais; garantir a lei e a ordem (GLO); participar de operações internacionais; cumprir atividades subsidiárias; e apoiar a política externa do País¹.

Na segunda metade do século XX, Forças Armadas de países ocidentais, as do Brasil inclusive,

combateram e derrotaram o inimigo irregular, inimigo interno em alguns países. Como ensina David Galula², a batalha pela população é a principal característica da guerra revolucionária. Neste início do século XXI, mais do que nunca a lição de Galula é verdade absoluta: o apoio da população é o centro de gravidade dos conflitos.³

Essa máxima aplica-se a todo o espectro das operações militares. Conquistar, manter e fortalecer o apoio da população é

^a General-de-Exército. Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



objetivo primordial nas operações: convencionais, contra forças inimigas regulares; de contrainsurgência, contra guerrilheiros, criminosos e terroristas; de GLO, de manutenção ou imposição da paz, contra forças adversas; de defesa civil, humanitárias e de atendimento a atividades subsidiárias.

Conquistar corações e mentes significa lograr apoio de todas as populações. Na ocorrência de conflito armado contra Estado estrangeiro e de operações internacionais, como as de paz e humanitárias, o objetivo é o apoio das populações brasileira e de nações aliadas, neutras e hostis. Este artigo destaca a população brasileira, cujo apoio é igualmente imprescindível às operações militares de garantia da lei e da ordem, de defesa civil, de atendimento a atividades subsidiárias e humanitárias em território nacional. Enfim, sempre...

OS TIROS-DE-GUERRA, UMA SOLUÇÃO BRASILEIRA

Em 27 de setembro de 1907, foi criado o primeiro Tiro-de-

Guerra⁴ (TG)⁵, pouco antes da instituição do serviço militar obrigatório, em 1908. Os TG multiplicaram-se, mantiveram-se durante todo o século passado e chegaram ao século XXI totalizando 250 organizações militares, distribuídas em todo o território nacional.⁶ Os TG são órgãos de formação da reserva (OFOR), decorrem de um esforço comunitário municipal e permitem a prestação do serviço militar inicial, no próprio município sede do TG, dos convocados e não incorporados em organização militar da ativa, de molde a atender à instrução militar, permitindo conciliar o trabalho e o estudo do cidadão.⁷

Até mesmo por concepção genética, sobressai nos TG o DNA do apoio da população, oficialmente injetado nos convênios que celebram o Exército e os Executivos Municipais. A Prefeitura incumbem-se da construção e conservação da sede do TG, do estande de tiro, da disponibilização de imóveis para residência dos sargentos instrutores e suas famílias, bem como da assistência médico-odontológica-hospitalar



para esses militares e seus dependentes. Incumbe-se, também, do fornecimento do material necessário ao funcionamento do TG, exceto itens de emprego militar, como armamento, munição, equipamento e uniformes, responsabilidade do Exército.

O diretor do tiro-de-guerra é o próprio prefeito municipal, o que bem demonstra a íntima ligação que esses OFOR têm com os municípios hospedeiros, suas autoridades, populações e instituições legislativas. Essa característica é reforçada pela necessidade de lei municipal para amparar as iniciativas e as responsabilidades assumidas pelo poder executivo, alocando-lhe, anualmente, os recursos orçamentários necessários para que o TG possa bem cumprir sua missão.

OS SARGENTOS, LÍDERES MILITARES DOS TG

Os sargentos dos TG são combatentes da ativa, criteriosamente selecionados entre os melhores para

assumir as responsabilidades de chefe da instrução (o mais antigo) e de instrutores dos atiradores, denominação dada aos jovens recrutas que prestam o serviço militar nos TG. Esses sargentos cumprem suas missões em condições bem diferentes das dos seus pares em outras organizações militares do Exército, o que muito valoriza o trabalho que desenvolvem, alicerçado, necessariamente, em elevadas doses de iniciativa, criatividade, sociabilidade e adaptabilidade. Os sargentos dos TG são preparados para:

servir em guarnição isolada, muito distante da unidade da ativa mais próxima e mais distante ainda da sede da Região Militar à qual os TG estão subordinados;

acumular as responsabilidades de comandante de guarnição, de organização militar, de instrutor de tropa, de segurança pelo material bélico do TG, de representante do Exército no município, de orientador e educador de jovens com 18 e 19 anos de idade, em regra;

serem agentes de comunicação social do Exército em seus municípios, para o que são chamados a



manter laços fraternos com outras instituições privadas e públicas com sede na mesma região;

serem agentes dos sistemas de inteligência e de fiscalização de produtos controlados, no território de competência de seu TG;

manter ligação permanente com a Companhia de Comando e Serviços da Região Militar, subunidade da ativa que os enquadra;

exigir ao máximo e estimular seus atiradores em prol da total dedicação às atividades militares, mesmo cientes de que, ainda que voluntários, nada percebem a título de remuneração;

fazer constantes gestões junto aos prefeitos municipais no sentido de dotar os TG do material necessário ao seu funcionamento, bem como de aprimorar e manter as instalações dos quartéis e dos estandes de tiro do TG;

revelar habilidade no relacionamento com unidades de Polícia Militar sediadas na área, em geral comandadas por oficiais, portanto, militares de maior nível hierárquico que os próprios sargentos chefes da instrução;

manter-se atualizados com tudo o que ocorre no Exército, a despeito das distâncias físicas que os isolam dos escalões enquadrantes;

proferir palestras, ministrar aulas e participar de mesas redondas em conjunto com representantes de outras instituições da área, quase sempre com presença da mídia regional.

Eis a síntese do desafio que enfrentam nossos sargentos em seu dia a dia. Tive a grata oportunidade de, quando comandante da 4ª Região Militar e 4ª Divisão de Exército, em Minas Gerais⁸, visitar e inspecionar os trinta e três TG que me eram subordinados. De todos, sem exceção, saí vibrando e entusiasmado com o valor militar de nossos sargentos e com o alto conceito que o Exército desfrutava em suas comunidades municipais, fruto eloquente da eficácia com que exerciam a liderança militar de sua tropa e da efetividade com que venciam os desafios de sua função, notadamente na conquista do apoio da população municipal.



TG: BRAÇO FORTE, MÃO AMIGA E VALORES

Aos sargentos, como líderes militares de seus atiradores, incumbe instruí-los para serem combatentes básicos da Força Territorial⁹ e, como tal, aptos a atuar na garantia da lei e da ordem e na defesa territorial¹⁰, desempenhando tarefas limitadas, na paz e na guerra. Eis o vetor “braço forte” da preparação dos atiradores. Para bem trabalhá-lo, os sargentos devem ser mestres exemplares na execução e na transmissão de conhecimentos e habilidades especificamente operacionais.

A “mão amiga” é o segundo vetor do sistema de forças aplicado à preparação dos atiradores. Nesse campo, os sargentos lideram seus subordinados preparando-os para apoiar ações da Defesa Civil e colaborar em projetos de Ação Comunitária. Para lograr êxito nesse campo, os sargentos devem destacar-se no planejamento e na execução de ações em prol de vítimas de inundações, de deslizamentos de terras, de primeiros socorros, de combate a

incêndios e de outras calamidades. Devem, também, demonstrar a mais absoluta integração aos esforços comunitários em diferentes áreas, como educação; saúde; saneamento; reflorestamento; distribuição de alimentos, água potável e agasalhos; e proteção ao meio ambiente, entre outras.

A preparação completa dos atiradores é lograda pela integração dos vetores braço forte e mão amiga a um terceiro — a construção do caráter do soldado e do cidadão. É esse o momento no qual os sargentos são exigidos como educadores, exemplos de caráter, de militares e de cidadãos. A missão, sob esse aspecto, consiste em preparar atiradores: conhecedores dos problemas locais, interessados nas aspirações e realizações de sua comunidade, integrados à realidade nacional; líderes democratas, atentos aos ideais da nacionalidade brasileira e à defesa do Estado Democrático de Direito.¹¹ A educação moral e cívica recebe especial ênfase e o trabalho dos sargentos visa a desenvolver nos jovens: os valo-



res espirituais e morais da nacionalidade; o sentimento das obrigações para com a Pátria; a compreensão das instituições básicas que re-

tradições do Exército Brasileiro a sucessivas gerações de jovens que passam por suas mãos. Os sargentos preparam verdadeiros multiplicado-



Atiradores do Tiro de Guerra 02-025, com sede em Olímpia-SP: defesa da Pátria e cidadania.

gem a sociedade, tais como Governo, Família, Igreja e Forças Armadas; e o sentimento de responsabilidade no desempenho de suas atividades como cidadãos e atiradores, no trato da coisa pública e do material.¹² Ao cumprir essa missão tão específica de desenvolvimento de atributos da área afetiva, nossos líderes militares transmitem os valores, a História, a cultura, os costumes e as

res desses valores. Como instrutores militares e educadores em plenitude, conquistam amigos eternos para o Exército.

ATUALIDADE DOS TIROS-DE-GUERRA

O terreno humano e o terreno cultural. Os sargentos e suas famílias vivem, em geral e por, no mínimo,



dois anos, o dia-a-dia dos municípios que os acolhem. Frequentam igrejas, clubes, comércio, escolas e mais instituições locais. Seus filhos são alunos dos docentes do lugar e suas esposas, por vezes, tornam-se professoras nas mesmas escolas. Com suas famílias e atiradores, participam dos eventos sociais, desportivos, folclóricos, cívicos e típicos das regiões em que vivem. Seu círculo de amizades e relacionamentos inclui o prefeito, vereadores, funcionários do executivo e legislativo municipais, autoridades do poder judiciário, empresários, profissionais da mídia, sacerdotes, delegados de polícia, oficiais e praças da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar em serviço naquelas mesmas paragens. Os sargentos chefes de instrução e instrutores são, pois, parte do próprio terreno humano e conhecedores profundos do terreno cultural. Eles sabem como provavelmente pensarão e reagirão as lideranças civis, as entidades e a população na eventualidade da eclosão de conflitos que levem ao emprego do Exército em seus municípios. Exercem sua liderança militar não apenas

em relação aos atiradores que lhes são subordinados, mas estendem-na às turmas anteriores de reservistas, várias reunidas em associações de ex-atiradores.

Esses sargentos são assessores indispensáveis para os comandantes de todos os escalões que venham a operar nos municípios em que servem ou serviram. Eles mais do que dominam, são parte do terreno humano e internalizaram, muitas das vezes, a cultura local. Estão afetivamente envolvidos pela atmosfera da cidade hospedeira, compreendem a dinâmica social da área. Receberam títulos de cidadania honorária e moções de louvor da Câmara Municipal, foram condecorados pela Prefeitura e distinguidos como paraninfos de concludentes de cursos civis. A par, levaram a todos esses públicos a mensagem atual e permanente do Exército Brasileiro.

No Exército e no Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA identificou-se a necessidade de se preparar “cabos estratégicos”, em função das “lições da Somália e de outras operações tradicionais, de



assistência humanitária e de manutenção de paz mais recentes, em que os resultados dependeram de decisões tomadas por líderes de pequenas frações. Nessas situações, o graduado individualmente era o símbolo mais visível da política externa dos EUA, influenciando não apenas a situação tática imediata, mas também os níveis operacional e estratégico”¹³. O Exército Brasileiro, para operações de GLO, Defesa Territorial, Defesa Civil e Ação Comunitária, dispõe, como se pode depreender, de vários sargentos¹⁴ selecionados e experientes que, pelo que testemunhei, ousou afirmar, são os nossos “sargentos estratégicos”.

INDICADORES DO APOIO DA POPULAÇÃO - AVALIAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

Sucessivas pesquisas têm revelado resultados muito positivos para o Exército e as Forças Armadas (FA), quando postas lado a lado com outras instituições nacionais:¹⁵

Fevereiro de 2009: pesquisa

realizada pela Fundação Getúlio Vargas concluiu que, em um universo de 17 instituições brasileiras, o primeiro lugar coube às FA, que conquistaram o índice de 82% de confiança;

2008: pesquisa do Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas revelou que, em um universo de 17 instituições brasileiras, as FA ocuparam o primeiro lugar com 79% de confiança;

Junho de 2008: pesquisa da Associação dos Magistrados Brasileiros, intitulada Barômetro AMB de Confiança nas Instituições Brasileiras, concluiu que “as FA se destacaram pela confiança de 79%, dentre as 17 instituições avaliadas”.

Fica evidente que as FA brasileiras detêm elevadíssimos índices de credibilidade junto à população nacional, justa razão de orgulho para os militares brasileiros. Inúmeras razões poderiam ser arroladas para justificar os índices que tanto nos envaidecem: a presença nacional das FA, notadamente do Exército; os valores que aprenderam com seus antigos comandantes,



ensinam e praticam seus atuais integrantes, entre os quais, o patriotismo, a honestidade, a probidade, a responsabilidade, a solidariedade, a dedicação, a simplicidade, a disponibilidade, a camaradagem, o senso de cumprimento do dever etc.

No caso do Exército, a ação de todos e de todas as organizações militares tem concorrido para resultados tão auspiciosos. Neste artigo, é de se destacar o efeito multiplicador decorrente do trabalho de algumas de suas instituições dedicadas à formação de reservas mobilizáveis. Entre elas, destaco os Centros e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva, cujos oficiais, na vida civil, levam nossos valores, cultura e mensagem para todos os segmentos formadores de opinião e elites nacionais, muitos reunidos em associações estaduais e, estas, em um Conselho Nacional. Destaco, também, as sementes lançadas em terreno fértil por nossos sargentos nos TG, pelo preparo de sucessivas turmas de atiradores que se mantêm ligadas ao Exército em seus municípios, inúmeras reunidas em associações e clubes de ex-atiradores, a

exemplo dos oficiais da reserva, mensageiros dos valores e das lições transmitidas pelo Exército. Lembro, ainda, dos ex-alunos dos Colégios Militares, cuja maioria se destina à vida civil, na qual se torna vitoriosa e líder, qualquer que seja o segmento profissional que elege. No universo enumerado, os TG são as únicas organizações militares lideradas exclusivamente por sargentos, o que bem atesta o êxito de sua contribuição para a conquista do apoio da população brasileira.

PRESENÇA NACIONAL

Os TG localizam-se em todos os Comandos Militares de Área e Regiões Militares, exceto a 3ª (veja o Quadro nº 1). Estão presentes em quase todos os Estados, sendo exceções Amapá, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Rondônia. Sua presença nacional ressalta, ainda mais, a importância da missão que cumprem os sargentos que a eles se dedicam ou dedicaram. O conhecimento



Comando Militar de Área	Região Militar (RM)	Estados	TG
CML (Leste)	1ª	Rio de Janeiro Espírito Santo	10 7
CMSE (Sudeste)	2ª	São Paulo	80
CML (Leste)	4ª	Minas Gerais ¹	33
CMS (Sul)	5ª	Paraná Santa Catarina	17 3
CMNE (Nordeste)	6ª	Bahia Sergipe	23 3
CMNE (Nordeste)	7ª	Alagoas Pernambuco Paraíba Rio Grande do Norte	4 9 4 1
CMA (Amazônia)	8ª	Pará	5
CMO (Oeste)	9ª	Mato Grosso	5
CMNE (Nordeste)	10ª	Ceará Piauí Maranhão	13 3 4
CMP (Planalto)	11ª	Goiás Tocantins Minas Gerais ²	4 4 3
CMA (Amazônia)	12ª	Amazonas Acre Rorônia Roraima	8 2 3 7
Total			250

Quadro nº 1 – distribuição territorial dos Tiros-de-Guerra

profundo do terreno humano e cultural que detêm é e será crescentemente relevante para o planejamento e a execução de operações militares nos municípios que os hospedam.

CONCLUSÃO: “ÀS ARMAS!”

Este antigo comando - “às armas!” - alertava para que a guarda do quartel se aprestasse para agir. Lembra-nos, hoje, de que é hora de



ação. Trata-se de empregar com redobrada eficácia o potencial de que já dispõe o Exército, seus sargentos estratégicos, os líderes militares dos Tiros-de-Guerra. Sou testemunha do êxito que obtêm na preparação do braço forte, no emprego da mão amiga e na consolidação do caráter de sucessivas gerações de atiradores, adestrando-os para operações de GLO, Defesa Territorial e Defesa Civil, assim como para ações subsidiárias e humanitárias.

Ao operar isolados de seus comandantes, exercitam a iniciativa, a criatividade, a adaptabilidade, a sociabilidade e a capacidade de comunicação com diferentes públicos e lideranças civis. Conquistam e mantêm diálogo fluido com a mídia regional. Estão preparados para se tornar os líderes influentes de que nos fala o Major Enrique Silvela, do Exército Espanhol.¹⁶

Solução brasileira, concebida há mais de cem anos, os TG são, pois, valiosas peças de manobra no século XXI especialmente indicadas, por sua atualidade, para emprestar contribuição relevante à con-

quista de corações e mentes da população brasileira. Urge conhecê-los e valorizá-los.

“Às armas!”

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. *PPB-5, Preparação do Combatente Básico da Força Territorial*, 2ª edição, 2010.

_____. Regulamento para os TG e Escolas de Instrução Militar.

_____. *Regulamento para os Tiros-de-Guerra e Escolas de Instrução Militar*, aprovado pela Portaria nº 1, de 2 jan. 2002, do Comandante do Exército.

DIRETORIA do Serviço Militar, Fev 2007. In: OLIVEIRA, Hermann Moreira de. *ECEME, Dissertação*, Rio de Janeiro, 2007.

Exército Brasileiro, Braço Forte, Mão Amiga. Disponível em: <<http://www.exercito.gov.br/>>. Leia-se, também, a *Constituição da República Federativa*, 1988, Art. 142.

GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare, Theory and Practice*. New York: Frederick A. Praeger Inc., 1964.

MATIAS, Marcos; DRUMONT,



Conceição. *Tiros de Guerra, Força e Garra*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2003.

SILVELA, Enrique. O Líder Influente. *Military Review*, Edição Brasileira, Julho – Agosto 2009.

STRINGER, Kevin D. Formação do Cabo para o Desempenho de Funções Estratégicas ('O Cabo Estratégico') Uma Mudança de

Paradigma. *Military Review*, Edição Brasileira, Janeiro – Fevereiro 2010.

VISACRO, Alessandro. Jihad e contrainsurgência: concepções distintas da guerra psicológica. *Military Review*, edição brasileira, janeiro – fevereiro 2010.

¹ *Exército Brasileiro, Braço Forte, Mão Amiga*. Disponível em: <<http://www.exercito.gov.br/>>. Leia-se, também, a *Constituição da República Federativa*, 1988, Art. 142.

² GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare, Theory and Practice*. New York: Frederick A. Praeger Inc., 1964, p. 4.

³ VISACRO, Alessandro. Jihad e Contrainsurgência: Concepções Distintas da Guerra Psicológica. *Military Review*, edição brasileira, janeiro – fevereiro 2010.

⁴ MATIAS, Marcos; DRUMONT, Conceição. *Tiros de Guerra, Força e Garra*. Belo Horizonte, Armazém de Ideias, 2003.

⁵ BRASIL. *Regulamento para os Tiros-de-Guerra e Escolas de Instrução Militar*, aprovado pela Portaria nº 001, de 2 jan. 2002, do Comandante do Exército.

⁶ Diretoria do Serviço Militar, Fev 2007.

In OLIVEIRA, Hermann Moreira de. *ECEME*, Dissertação, Rio de Janeiro, 2007.

⁷ BRASIL, Idem, Art. 2º.

⁸ Minas Gerais é o quinto Estado brasileiro em extensão territorial, com 586.528,293 km², equivalente à da França (550.000 km²). Disponível em: <www.brasilecola.com.br/brasil/estados> e <www.paises.hlera.com.br/euro/franca>.

⁹ BRASIL, *PPB-5, Preparação do Combatente Básico da Força Territorial*, 2ª edição, 2010.

¹⁰ BRASIL, *Regulamento para os TG e Escolas de Instrução Militar*, Art. 2º, inciso IV, e Art. 4º, inciso II

¹¹ Idem, Art. 4º, incisos I e III.

¹² Idem, Art. 4º, inciso I e parágrafos 1º e 2º.

¹³ STRINGER, Kevin D. Formação do Cabo para o Desempenho de Funções



Estratégicas ('O Cabo Estratégico') Uma Mudança de Paradigma. *Military Review*, Edição Brasileira, Janeiro – Fevereiro 2010.

¹⁴ Destaquei os sargentos, mas, para ser justo e preciso, devo registrar que, em alguns casos, subtenentes também desempenham a função de chefe de instrução nos TG. Isto ocorre, inclusive,

pela promoção normal de 1º sargentos a subtenentes.

¹⁵ BRASIL, Confiança Nacional nas Forças Armadas, pesquisas dos anos 2007, 2008 e 2009. Centro de Comunicação Social do Exército.

¹⁶ SILVELA, Enrique. O Líder Influyente. *Military Review*, Edição Brasileira, Julho – Agosto 2009.